

## HIP-HOP E REGIÃO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA

Renan Lélis Gomes

renanlelis@ige.unicamp.br

Instituto de Geociências – Unicamp

**Palavras-chave:** hip-hop, rap, região.

O presente texto é parte integrante da pesquisa de mestrado ainda em andamento “*Horizontalidades e verticalidades nas estratégias políticas de regionalização do hip-hop no Brasil*” e tem como objetivo discutir o *hip-hop* como uma manifestação territorial que tem no *rap* uma das suas formas de existir, tendo em vista que este tipo de música mesmo possuindo uma linguagem universal, assume características regionais distintas, se utilizando cada vez mais dessa diversidade regional para criar sinergias capazes de projetar e de fazer ouvir suas reclamações.

O *hip-hop* surgiu nos EUA no início da década de 1970, mais precisamente nos guetos da cidade de Nova Iorque. Nasceu como um movimento cultural que logo adquiriu forte cunho social e político, emanando dos guetos da metrópole

norte-americana para o mundo como um reclame de negros e imigrantes (jamaicanos e latinos) face à tamanha exclusão social a qual eram submetidos. Uniu a cultura ancestral africana do canto falado com a música eletrônica, a herança política dos movimentos negros pelos direitos civis com a arte contemporânea produzida nas ruas, arrebatando milhares de jovens até hoje (LEAL, 2007).

O *hip-hop* é composto por quatro elementos básicos: *break* (dança), *grafite* (arte plástica), *DJ* (*Disc-Jóquei*) e *MC* (Mestre de cerimônia). A junção desses dois últimos elementos forma o *rap*, que nada mais é do que a música do *hip-hop*. A chegada desta cultura no Brasil data do início da década de 1980, primeiro na cidade de São Paulo, berço deste gênero musical no país e, logo depois no Rio de Janeiro e em Brasília paulatinamente. A partir de São Paulo, logo se difundiu por todo território nacional, incorporando, em cada região, elementos próprios das personalidades regionais (OLIVEIRA, 2003).

Santos (2002, p. 113) já havia sugerido que “o rap criado nos Estados Unidos como forma de expressão da juventude, se propaga no mundo inteiro e assume localmente uma fisionomia própria, sem perder o seu conteúdo universal.

O rap brasileiro é diferente do rap americano, como o é também do rap francês”.

Os problemas sociais relatados nas letras do rap não estão restritos apenas as periferias das grandes metrópoles. As mazelas sociais que servem de matéria-prima para a confecção das letras do rap se fazem presentes em todo o território nacional e cada região tem suas particularidades tanto em relação às reclamações quanto às variações linguísticas e rítmicas, muito embora este segmento seja, em grande parte, influenciado pelo rap norte-americano (as verticalidades do mundo da globalização se fazem presentes nos lugares).

Segundo Corrêa (1997, p. 183) a região “é um conceito-chave para os geógrafos e tem sido empregado também por todos os cientistas sociais quando incorporam em suas pesquisa a dimensão espacial”. Ainda segundo este autor, a região é uma mediação entre o universal (caracterizado por processos gerais advindos da globalização) e o singular (caracterizado pela especificação máxima do universal).

No Brasil, podemos ilustrar como exemplo o rap nordestino do *rapper* cearense Rapadura (2009), que mistura rap com repente e forró, trazendo em suas letras mensagens de Lampião e Maria Bonita, bem como outros elementos e

vocabulários da cultura local. Assim temos também o rap gaúcho, que utiliza elementos da música galdéria, trazendo elementos da história regional, como a Revolução Farroupilha. Na região Norte, a música rap também está presente, fazendo referências a uma realidade imensamente marcada pela floresta Amazônica. Produzida nas grandes capitais, como Belém e Manaus, traz elementos do folclore local e também reclama problemas típicos daquela região, sobretudo aqueles atrelados à destruição da floresta pela exploração econômica e a dificuldade de sobrevivência dos povos ribeirinhos. Um exemplo é o grupo Comunidade Manoa, que faz parte do coletivo “Movimento Hip Hop da Floresta-MHF” e lançou um cd intitulado *Ribeiriferia*.

Em São Paulo, verificamos que o Rap está mais próximo daquele praticado nos EUA, pois as letras e as músicas paulistas têm menos caracteres regionais, ostentando mais símbolos da grande metrópole, sobretudo o automóvel. Sem dúvida, essa leitura regional do território brasileiro pode ser realizada a partir dos conceitos de “espaços luminosos” e “espaços opacos” (SANTOS e SILVEIRA, 2001), ou seja, São Paulo é um espaço luminoso e, por essa razão, acolhe com mais vigor os vetores da globalização, enquanto que outras regiões interpretam o mundo a partir de outras racionalidades.

No entanto, é reconhecido o fato de que outras regiões do país, de certa forma, tentam copiar aquilo que o rap paulista faz, ou seja, São Paulo acaba por ser um “relé” da difusão do rap no Brasil.

Segundo Xavier (2005, p.336), “no confronto entre a cultura de massas e a cultura popular há uma renovação das criações culturais concebidas no lugar”. Podemos dizer que a cultura popular se apresenta como possibilidade de revanche sobre a cultura de massas, fazendo uso de seus sistemas técnicos e instrumentos, atribuindo-lhes novos significados de acordo com o território e a cultura local. É o que verificamos no hip-hop brasileiro, que atualmente estabelece um diálogo muito forte com a cultura popular de cada região, fazendo uso dos objetos técnicos do período atual e ao mesmo tempo incorporando traços regionais característicos do Brasil, tornando-se um híbrido, algo mundial que se lugariza, confirmando uma grande característica dos eventos, mudar as coisas, resignificar os objetos atribuindo-lhes novas características.

## Referências bibliográficas

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LEAL, S. J. M. **Acorda Hip Hop!**: despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

OLIVEIRA, M. S. **Rap**: ocupando a periferia com atitude. 2003. Monografia (Graduação em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

RAPADURA. Cd **“Fita Embolada do Engenho”**. Um quarto de Engenho, 2009.

SANTOS, M. O tempo despótico da língua universalizante. In: SANTOS, M. **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

XAVIER, D. P. **Repensando a periferia no período popular da história**: o uso do território pelo movimento Hip Hop. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.